



Diálogos

ISSN 2177-2940



Antropofagia às avessas: modernismos e decolonialidade

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v27i2.70005>

Maurício de Carvalho Teixeira

 <https://orcid.org/0000-0001-9948-9982>

Universidade Federal de Itajubá (Unifei). Campus Itabira-MG, BR

E-mail: mauriciodeteixeira@gmail.com

Nina Graeff

 <https://orcid.org/0000-0002-6867-1308>

Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa-PB, BR

E-mail: info@ninagraeff.br

Mário de Andrade, ao refletir poeticamente no final de sua vida, canta: "Vem um rico, vem um branco/ são sempre brancos e ricos..." (Andrade, 1993, p. 356). A chamada deste dossiê colocava a Semana de Arte Moderna de 1922 relacionada à elite paulista, mas também foi deixado em evidência que aquele movimento artístico e intelectual vislumbrou nas culturas populares a ferramenta necessária para a produção da nova arte. Essa contradição permaneceu como um enigma. Cem anos depois, os objetificados se tornam sujeitos e aqueles que atuavam como meros informantes se tornam produtores de conhecimento, ou seja: "Raiva, anseios, lutas, vida/ Miséria, tudo passou-se" (Andrade, 1993, p. 351).

Hoje, cada vez mais artistas e ativistas das classes populares tomam a frente de discussões e movimentos que desvelam a diversidade cultural, étnico-racial, linguística, de gênero, de modos de existência e de expressões que constituem o Brasil. A antropofagia, essa deglutição de culturas populares por parte de não populares, perde paulatinamente sua primazia, enquanto indivíduos e comunidades historicamente marginalizados buscam, sobretudo ao longo dos anos dois mil, se apropriar de lugares de poder, de fala e de representatividade que antes lhes eram negados.

O que essas vozes revelam para a arte brasileira dos próximos cem anos? Quais as relações possíveis entre o contexto modernista da semana de 1922 e o atual? Quanto de modernidade e de

colonialidade existe em 1922, e quanto em 2022? O que se entendia por moderno e o que se entende hoje? Se 1922 resultou em uma proliferação de manifestos e projetos culturais e artísticos em busca de desvario e sabores locais, o que se busca agora? Que usos podem ser feitos e o que se pode relacionar à Semana de 22? O que fizemos com a Semana ou a partir da Semana? Se 1922 foi um embate frente a certos padrões estéticos, quais os embates de hoje? Se o Manifesto Antropófago de 1928 afirmava só se interessar pelo que não era seu, o que define hoje a alteridade cultural e artística no Brasil? Para além do questionamento estético, que outros questionamentos são percebidos a partir desse contexto?

Para apresentar este dossiê, é preciso pensar que ele começa como uma reflexão sobre a Semana de Arte Moderna. Em seguida, ele quis se associar ao *Manifesto Antropófago* de 1928, para então se encantar por uma casa de espetáculos dos anos 1980 chamada *Lira Paulistana* e, finalmente, reencontrou o livro seminal de Mário de Andrade em 1945 também intitulado *Lira Paulistana*. Conforme os artigos que compõem este volume se apresentavam, os propósitos se transformaram dando novos significados ao título e à proposta inicial. Essa abertura ao novo e ao inédito é bem-vinda em um processo de organização de publicações.

Pode-se colocar como um dos objetivos modernistas o questionamento do clássico como única fonte da cultura, segundo a *Lira Paulistana*: "A culpa do insofrido, Onde está?/ Há-de estar no passado,/ Nos séculos malditos,/ Aí está." (Andrade, 1993, p. 354). Isso traz uma forma de pensar a arte acadêmica e os seus opostos: a cultura popular tradicional, as manifestações não ocidentais, os processos de criação e improvisação por agentes de diferentes contextos sociais, a cultura pop e outros cosmopolitismos. Relacionada a esses objetivos está a conquista do direito à pesquisa em arte para além dos gabinetes e dos cânones: "Caminhos da cidade,/ Resposta ao meu pedido,/ Onde está?" (Andrade, 1993, p. 355). A pesquisa modernista, com suas derivações, é uma pesquisa com diversos pontos de vista, que inclui experimentalismos e incursões a campo, assim como os usos desses elementos pesquisados nos próprios processos de criação de seus membros. Essas são questões que ajudaram a encorajar as abordagens múltiplas presentes neste dossiê em torno do modernismo, com a observação do que ainda permanece e do que é atualmente refutado em uma perspectiva necessariamente decolonial.

Um século depois revisita-se o contexto original da Semana de Arte Moderna e da cultura brasileira nos anos 1920 e se oportunizam reflexões, comparações e confrontos com diversas outras historicidades e periodizações, sobretudo as atuais, diz Mário de Andrade: "Cresci, cresceste comigo [...] Cantei, cantaste comigo" (Andrade, 1993, p. 351). Àquela época o mundo

inteiro se urbanizava, transformação essa que aportou vários temas sensíveis, de modo intenso, majoritário e irreversível em diversos contextos, fosse para a cidade, para o campo ou para a floresta. Além disso, a urbanização veio acompanhada de uma internacionalização, com discussões sobre o nacional e o estrangeiro, sobre o artesanal e o industrial, questões que hoje suscitam reflexões sobre a colonialidade. Desse modo, percebe-se que, atualmente, há vários instrumentais e abordagens para se pensar o modernismo e a colonialidade de uma forma ampla.

O projeto deste dossiê esteve, portanto, aberto a propostas de artigos que partissem de movimentos e embates que possam ser relacionados direta ou indiretamente com o modernismo brasileiro, que ficaram no passado ou que se refletem, reproduzem ou dissolvem na atualidade. As sugestões de áreas temáticas para o presente volume foram diversas, com perspectivas tanto disciplinares como transdisciplinares e com variações tanto em termos de conteúdo como de linguagens, a saber: o modernismo e as vanguardas artísticas; a literatura e a arte; as poesias visual, oral e cantada; a música, as sonoridades e os ritmos; as danças e as corporalidades; as poéticas afetivas ou políticas; o patriarcado, o patriarcalismo e o antipatriarcado; as relações étnico-raciais, de gênero e as interseccionalidades, a colonialidade e a decolonialidade em sentido vasto; a pesquisa modernista, a pesquisa artística e outras metodologias; o antimodernismo, o passadismo, o conservadorismo e o reacionarismo cultural.

Sendo assim, os artigos enviados desfrutaram dessa amplitude e dessas opções, adicionando outras variantes e desdobramentos cuja originalidade são próprias do ambiente de pesquisa. Artigos tão diversos se unem pela história como tema ou como abordagem, e pelo compromisso que a disciplina histórica tem com a crítica cultural. Os textos também se unem pelas muitas aproximações aos conceitos de decolonialidade, antropofagia cultural e modernismo em todas as suas concepções.

Os dois primeiros artigos tratam, de certo modo, dos instrumentos de segregação e discriminação da sociedade à época própria do modernismo, a primeira metade do século XX no Brasil. Em "Poéticas do Mangue – o tom e o traço: um diálogo entre Brancura e Lasar Segal", Lucas Nunes e Gladir Cabral traçam paralelos entre as trajetórias de dois artistas dos anos 1920 no Brasil, duas figuras que perpetuaram registros do Rio de Janeiro do período: Lasar Segall - um gravurista lituano que protagonizou o modernismo brasileiro da primeira geração; e Brancura, um sambista carioca, que teve sua vida marcada pela segregação e por outras políticas vigentes. Esse é um estudo alicerçado por pesquisa documental em relatórios de polícia, em leituras sobre os principais autores decoloniais e por importantes elaborações para a contextualização do encontro

inusitado entre tais personagens.

O segundo artigo, "A ameaça do corpo tatuado: a criminalização da tatuagem durante a primeira metade do século XX", de Fernando Souza e Leonardo Brandão, destaca uma questão que insere o leitor na mentalidade do período. Se hoje usar uma tatuagem é considerado banal ou mesmo admirável, percebe-se que não era assim na era das vanguardas. A pesquisa investigou escritos na grande imprensa da primeira metade do século XX e documentação manicomial disponível sobre o tema da marginalização da tatuagem. A bibliografia se equilibra entre a historiografia e os pensadores do controle social, sobretudo Foucault.

Os dois estudos seguintes trazem a trajetória de artistas frente ao conservadorismo das ideias e dos costumes, enfrentamentos muitas vezes sutis, mas que deixam um grande legado de conquistas. Em "Melancolia na metrópole à beira mar: um esboço sobre modernismos queer no Brasil", de Dieison Marconi, são observadas as vidas e obras de quatro artistas com sexualidades dissidentes: Lúcio Cardoso, Mário Peixoto, Alberto Cavalcanti e Farnese de Andrade. Tendo como recorte geográfico o Rio de Janeiro, o estudo percorre a bibliografia sobre modernismo somada a dos estudos *queer*. Relacionando a isso questionamentos sociais e estéticos, o estudo ensaístico faz um grande balanço do tema a partir dos anos 1920, observando seus desdobramentos nas décadas seguintes.

Já o quarto artigo, "As experiências de Flávio de Carvalho na década de 1930, um atravessamento pela decolonialidade" de Ana Ribeiro e Marta Dantas, apresenta esse modernista ao mesmo tempo como um antropofágico tardio e um decolonial precoce. A análise se concentra na obra *Experiência n. 2* e no projeto *Teatro da Experiência*. As ideias de Flávio de Carvalho expostas no artigo impressionam pela atualidade de seu pensamento anticolonial. Além disso, é possível ver como o artista violou e atravessou os códigos de comportamento, abrindo campo para outras questões futuras nessa seara. O texto faz um balanço da bibliografia existente sobre o tema, assim como sobre as pesquisas da decolonialidade.

Os três artigos que seguem abordam figuras de extrema relevância no modernismo e no século XX: Pedro Nava, Guimarães Rosa e Gilberto Freyre. Suas trajetórias não são idênticas, mas guardam semelhanças entre si, e diferenças em relação aos demais personagens enumerados aqui. Afinal, trata-se, respectivamente, de um médico memorialista, um antropofágico metódico e um conservador cultural. A partir das análises, percebe-se que o modernismo nem sempre representa uma ruptura.

"Obras e 'reminiscências médicas' de Pedro Nava", de Maria Alice Ribeiro Gabriel, mostra

esse modernista na transição entre uma escrita médica científica e uma prosa autobiográfica que o consagrou, ou mostra mesmo uma autoficção poética, conforme a interpretação de Antonio Candido sobre esse autor. Aqui há um destaque para a sua prosa histórica e para a sua relevância como historiador da medicina, para a ponte que realiza entre artigos das humanidades e das ciências duras que se torna crucial hoje em dia.

O sexto artigo "A metodologia antropofágica de Guimarães Rosa", de Gustavo de Castro da Silva e Míriam Cristina Carlos Silva, não apenas relaciona e compara o pensamento do escritor mineiro à antropofagia de 1928, como apresenta provas dessa relação. Mais ainda, esse estudo enxerga a ideia original de Oswald de Andrade como uma primeira tentativa decolonial, valorizando o pensamento indígena e questionando a sociedade patriarcal. Tais princípios seriam seguidos por Guimarães Rosa, isso se torna visível através de termos como desierarquização, desconstrução e, pode-se acrescentar, descatequização. Assim, a pesquisa descortina a teoria antropofágica brasileira, baseando-se em documentos literários e bibliografias no campo da antropologia, além da teoria literária vinculada aos autores abordados.

Em "Tradição e modernidade no Brasil: o conservadorismo culturalista de Gilberto Freyre", Carlos Gileno e Rodrigo Medeiros enfatizam o pensamento do modernista pernambucano dentro de uma linha de pensamento conservador que vem pelo menos desde o século XVIII, como uma resistência à revolução francesa, passando pelo século XIX, quando ganha adesão de literatos (como Coleridge, Eliot e Yeats), tornando-se finalmente um conservadorismo culturalista. A origem de Freyre na oligarquia rural nordestina e seus estágios de estudo e exílio no exterior, assim como sua própria anglofilia, parecem ter acentuado sua adesão nessa linha específica do conservadorismo. Tudo isso constrói uma interessante abordagem para a obra do pensador social regionalista. Sua concepção de luso-tropicalismo interessa ao presente dossiê por dialogar, mesmo que se antepondo, ao pensamento decolonial.

"Modernismo e decolonialismo nas políticas oficiais de preservação do patrimônio cultural brasileiro: narrativas de exclusão e as evidências de contribuições da cultura africana na arquitetura de tradição colonial em São Paulo (séculos XVIII-XIX)" de Carlos Jesus é um texto singular por relacionar modernismo brasileiro da primeira geração, a criação do SPHAN e a questão racial. Reconhecendo os avanços da época, mas marcando as dívidas históricas e culturais que ficaram pendentes, o estudo intercala textos dos participantes das primeiras tentativas de preservação do patrimônio no Brasil com um balanço dos estudos sobre colonialidade e história.

Os dois artigos finais carregam um caráter ensaístico ainda maior que todos os anteriores,

tanto pela linguagem como pela temática. Para o presente volume, essas escolhas foram importantes, pois representam uma liberdade maior na escrita e no modo de estabelecer relações entre diferentes temas ou pensamentos, sem contudo abandonar o rigor metodológico.

"Ecocídio dos corpos: sobre a saúde no neoliberalismo", de Anna Faria, Mônica Daltro e Carlos Danon, usa autores teóricos provenientes do Sul Global para pensar a história da saúde pública brasileira nos últimos dez anos. O corpo nas redes sociais e o corpo pandêmico aparecem como alvos do desmonte das políticas públicas de cuidado com a população. Ao trazer a discussão para o presente, sem uso de subterfúgios, os autores levam a pensar a nossa realidade e a entender os debates judiciais e políticos que envolvem o atual contexto social.

Milagros Rodríguez encerra o concerto polifônico sobre modernismos e decolonialidade com "Decolonialidad planetaria – teoría de la complejidad: entramado apodíctico de la liberación, ¿y la antropofagia?". A reflexão feita a partir de autores como Edgar Morin sugere que a decolonialidade se principia pelo pensar e se desdobra no viver. A própria ideia de método seria uma ideia colonial? Toda transdisciplinaridade é decolonial? Tais questionamentos levam o leitor a uma nova perspectiva da produção teórica que nos informa. Esse artigo derradeiro relaciona, ainda, a antropofagia do brasileiro Raul Bopp para, afinal, chegar ao pensamento sobre a existência e resistência da terra às técnicas e epistemologias coloniais, desvelando uma ecosofia crítica e cultural.

Somado aos artigos, fecha o dossiê a entrevista documental "A língua da Lira: jornalismo e vanguarda em entrevista com Fernando Alexandre", elaborada por Fernanda Canto, Rafael Schoenherr, Roseli Boschilia e Tiago Alves em 2020 e 2021, quando vigorou o projeto de registro dos testemunhos do entrevistado. Fernando Alexandre foi o criador do teatro *Lira Paulistana*, um núcleo cultural autônomo responsável pelo movimento que se chamou vanguarda paulista, entre os últimos momentos dos anos 1970 e a primeira metade dos 1980. Seu depoimento mostra como essa ebulição cultural ocorreu em uma São Paulo que, já completados 50 anos da Semana de Arte Moderna, encontrava-se em meio a uma ditadura agonizante. A entrevista percorre igualmente outras fases da vida do jornalista, como sua infância em Maceió, sua mudança para Curitiba, a vida paulistana e, finalmente, em Florianópolis, onde o projeto de documentar essa testemunha histórica se encerra. "Eu te guardo, homem do meu caminho.../ Ôh espelhos, Pirineus, caiçaras insistentes,/ Por que não sereis sempre assim!" (Andrade, 1993, p. 362)

Dessa maneira, este dossiê aporta uma pluralidade de perspectivas e variações sobre os temas propostos, atualizando os objetos e as abordagens a respeito das relações entre

TEIXEIRA, Maurício de Carvalho; GRAEFF, Nina. Antropofagia às avessas: modernismos e decolonialidade

modernismo e decolonialidade. Quando foi lançada a chamada deste volume no centenário da Semana de Arte Moderna em 2022, não se imaginava que ela poderia despertar tantos embates, revezes e surpresas teóricas, conceituais e documentais. Nas palavras de Mário de Andrade no poema *Lira Paulistana*: "Toda forma de ação se esvai numa atonia,/ Há desamparo e aceitação do desamparo." (Andrade, 1993, p. 354) Ao se assumir perplexo, mas não extático, diante dessa miríade de estudos e concepções, chega-se ao objetivo mais deliberado do exercício da pesquisa: renovar o debate e apresentar novas propostas a respeito de um tema, no caso: modernismos, decolonialidade e antropofagia neste ano de 2023.

Referência

ANDRADE, M. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.